

"A dependência é dolorosa", diz Therezinha

Nascida em Rio Claro em 1926, a entrevistada de João Umberto Nassif relembra as dificuldades que a família passou durante e após a crise de 1929

Therezinha de Jesus Penteadó Monteiro nasceu a 24 de maio de 1926, em Rio Claro. É filha de Nairides Penteadó e Maria de Lourdes Negreiros Penteadó que tiveram ainda os filhos: Francisco Santa Cruz Negreiros Penteadó, Vera, Therezinha e o filho mais novo. Seu pai era negociante de café, filho de fazendeiros. Sua mãe era também filha de fazendeiros, que cultivavam o café e sefrezavam grandes prejuízos com a queda do café em 1929. Embora se tornassem pobres de um dia para outro, não deram prejuízo a ninguém, e tinham colono ou fornecedor. Sua mãe ficou viúva com 31 anos de idade sendo que o filho mais velho tinha oito anos e o mais novo com 50 dias de vida. Seu pai faleceu muito jovem vítima da doença então denominada pessemenia dupla.

“A crise do café afetou muito porque não havia diversificação de plantio”

Para a família essa queda (ou crack, em inglês), como o episódio ficou conhecido, em 1929, foi um grande abalo?

Papai ficou muito pobre, muito triste, isolou-se da sociedade. Naquele tempo os fazendeiros não administravam a fazenda, entregavam para administradores. A crise do café afetou muito porque não havia diversificação de plantio. Quando nasci papai era só negociante de café e o meu irmão mais velho tinha oito anos e o mais novo com 50 dias de vida. Seu pai faleceu muito jovem vítima da doença então denominada pessemenia dupla. Ficaremos bem. “A casa que papai tinha construído com empréstimo do vovô Arruda Penteadó que também ficou pobre”, citou Therezinha durante entrevista ao jornalista João Umberto Nassif.

Vocês moravam com o seu tio?

Não, nós morávamos em Rio Claro, em uma casa alugada. Meu tio morava em São Paulo, depois ele mudou-se para Jui, cidade na qual temos parentes do ramo da nossa família: Negreiros. Assim como temos parentes aqui em Piracicaba com o sobrenome Negreiros: o Isaacino Negreiros, o Rui Negreiros.

A origem do sobrenome Negreiros é portuguesa?

Nós somos brasileiros, família com quatrocentos anos de origem, mamãe sempre disse que havia sangue espanhol, indígena e até negro nessa mistura que formou a nossa família. A família Penteadó é a mesma coisa, a vovó era da família Torres, vindo do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, ela era filha do cirurmeião e doador Torres, que veio aqui para Rio Claro, onde teve a vovó Elisa (mãe do papai) e do vovô Alice, e do vovô uma fazenda para cada uma.

Em Rio Claro em que escola a senhora estudou?

Fiz no Gínelio Joaquim Ribeiro, que era uma escola muito boa. Em 1942, me formei no ginásio, houve a Reforma Capaneira, o ginásio passou a ser de cinco anos e o colegial dois anos. Veio a lei que permitia que prestássemos exames para ingressar na faculdade. Entrei na Faculdade de Filosofia de Campinas, formei-me em 1945, com da primeira turma da Faculdade de Filosofia de Campinas.

A senhora morava em Campinas?

Sim, morava no Pensionato Nossa Senhora de Lourdes, uma casa de freiras, vizinha a casa do arcebispo, a Rua General Osório. Minha irmã também estudava lá, ela cursava Letras e eu Pedagogia. Embora estudássemos morando em um pensionato tinhamos parentes que moravam em Campinas, ligados a família Moreira.

Qual era a diversão de vocês?

Naquela época a diversão era muito restrita. A começar pelos recursos financeiros que eram muito bem controlados. A nossa diversão era, aos sábados e domingos a minha irmã sair com o namorado e eu ia junto, ninguém recomendava, não podia sair sozinha. Meu cunhado brincava dizendo que eu era “ponto e vírgula”, o tempo todo junto! Íamos ao Clube de Campo, onde o meu cunhado era sócio. Era o melhor clube de Campinas, frequentávamos a melhor sociedade porque tinhamos permas do ramo Torres da família. Os Paranhos eram casados com Torres. Essas minhas primas eram da família Paranhos Penteadó. As vezes íamos lá matando o tempo, dormíamos na casa da minha prima. Não tinhamos dinheiro para diversões. Separávamos dinheiro de seis meses em envelopes, quando acabava o dinheiro do mês, minha irmã e eu não entrávamos no dinheiro do mês seguinte antecipadamente. Viajamos pouco, não víhamos todas as semanas para

Rio Claro, só de vez em quando, o dinheiro não dava para vir. Nossa vida de estudante foi sacrificada por um ideal.

Após formar-se, em que local que a senhora começou a trabalhar?

Vi-me substituta de educação em Rio Claro, no Colégio Parafísimo Coração de Maria. Na época eu era também a inspetora. Como substituta do professor Cardoso, também assinava as provas. No início fiquei apavorada, recém-formada, estava substituindo um professor famoso, de muita cultura. Nesse mesmo tempo, fui prestando concurso para Técnico de Educação Federal. Com muito esforço e por sorte, consegui ser classificada em décimo lugar, isso foi ao tempo em que Eário Gaspar Dutra era presidente, e Caponeira era o ministro da Educação. Fui tomar posse na vaga conquistada, no Rio de Janeiro. Fui sorinha, com 20 anos. Lá eu tinha uma parente, assistente social, tinha um primo, Egiptério Gomes, que era filho da minha tia Sebastiana Moreira Gomes. Ele morava no Rio de Janeiro e mantinha uma prima que também era da família Gomes. A primeira vez que fui ao Rio de Janeiro já fui de avião da VASP. Isso foi em 1945.

A senhora era corajosa!

Tinha que ser, tinha que lutar pela vida! Minha mãe de Educação era a primeira profissão do ministério. Foi por que era bem remunerada, eu não queria ir para o Rio, e nem mamãe queria que eu fosse, era uma separação muito difícil. Meu primo Eg me levou a um colégio de freiras carmelitas. Recebiam-me pela amizade que tinham com Celina que era minha do Eg. Lá eu fiquei durante uma semana, só chorava, no pensamento as freiras não falavam. Estava se formando o Instituto Social, onde depois eu vim morar.

Como se sentia uma menina, com 20 e poucos anos, em uma cidade como o Rio de Janeiro, totalmente independente?

Pelo princípio que eu tinha, me ative a esse parentesco. Eu fui a casa dessa Paranhos ou ficava na casa dessa Torres. Tive amizade com duas tólicas de São Paulo que foram da minha turma. Foram para o Rio seis ou sete Técnicos em Educação de São Paulo, acabamos formando um grupo no Ministério da Educação, o Grupo de São Paulo. As meninas eram poucas muito boas, bem formadas, moravam em um pensionato comum. Eu não aderi a isso.

Quando tempo a senhora morou no Rio de Janeiro?

Morou por três anos, tinha uma vez a cada dois meses, vinha de trem, até São Paulo viajava pela Central de Brasil, de São Paulo para cá vinha pelo trem da Companhia Paulista. Isso foi assim até que abriam o concurso aqui para o magistério, prestei o concurso para professora e vim para cá. O primeiro cargo que escolhi foi em São José do Rio Preto, interessei lá como professora. Abriam o concurso para vice-diretor, escolhi São Paulo porque tinha parentes lá, escolhi uma escola no Ibirá. Veio a minha remoção, fui promovida a diretora de colégio em Termas do Ibirá, fui para Caledônia, Santa Rita do Passa Quatro e vim para Piracicaba, como dire-

tora da Escola Normal Rural que funcionava em um prédio anexo a Zoológica da Esalq. Foi muito bem recebida pelos professores, tive um apoio muito grande, formávamos uma semana cultural, onde os professores da Escola Agrícola abriam os auditórios das escolas, isso foi em 1964. Depois a escola, mudou-se para o Isolamento. O governo transformou a escola normal rural em normal comum, nós viamos para onde foi o Isolamento dos Leprosos, o prédio foi adaptado para a nossa escola aí, até construírem o prédio da atual Escola Estadual Professor José de Mello Moraes. Quando fui construído o novo prédio, fui chamada como assessora do Delegado do Ensino Primário, Aracy de Moraes Term, quando fui introduzido o curso secundário propriamente dito. Da delegacia secundária era o Brasil. Quando se uniram as duas delegações resolvi voltar para o Colégio Mello Moraes. Nessa época meu marido ficou doente, queria ir para Águas de São Pedro, me removi para o Colégio de São Pedro, Escola Estadual José Abílio de Paula.

Em que ano a senhora se casou?

Quando eu vim para cá em 1964, João Monteiro era viúvo há dois anos, trabalhava como professor de desenho na Escola Normal Rural. Casamos-nos, fui a sua esposa em segundas núpcias, ele era viúvo de Elza com quem teve dois filhos. Quando nos casamos tínhamos 64 anos em total 99. Eu era solteira e ele era viúvo. Fiquei por 14 anos casados com ele, em 1979 ele faleceu. Quando nos casamos fomos morar em uma casa situada a Rua da Boa Morte, nas proximidades do Colégio Piracicabano. Em 1977 eu me aposentei.

Naquela época tinha um hotel na esquina da Rua D. Pedro I e Rua da Boa Morte, quase em frente a casa da senhora?

Tinha, Pertencem ao pai do Haldimont Nobre Ferraz (Tiquinho). Lembrou-me do bonde, atrás da catedral havia o ponto do bonde que ia para a Escola de Agronomia, era uma alegria, iam professores, alunos, de bonde. A Rua da Boa Morte era calçada em paralelepípedos, o bonde circulava por ela em direção ao bairro da Paulista. Íamos muito ao Mercado Municipal, João gostava de uma banca muito boa que havia lá. Ele gostava de fazer os compramos da casa. Casamos em São Paulo, no civil e no religioso, na Igreja da Cruz Terça, muito conhecida em São Paulo.

Há quanto tempo a senhora reside no Lar dos Velhinhos?

Faz 15 anos que moro no Lar dos Velhinhos de Piracicaba, acredito que a Rita, somos as mais antigas moradoras do Lar.

A senhora é uma pessoa extremamente bem informada e atualizada. O que a leva a se atualizar imediatamente ao fato ocorrido, inclusive com riquezas de de-



“O governo é nosso empregado, ele ainda não se conscientizou disso”

talhes, sejam acontecimentos locais, nacionais ou internacionais?

É o interesse pelo bem comum, por um governo melhor. Eu ainda me interessava por uma melhora neste país. Eu tenho muito interesse na causa pública, na causa social. Eu tenho o sentido ético e de cidadania que foi, acho que, infiltrado pela minha mãe, a tal ponto que isso é a minha vida! Que música que eu gosto? É “A Banda” de Chico Buarque, porque ela fala com muita sensibilidade da dor do povo sofrido, que se alegra ao ver a banda passar. A banda significa o ponto de alegria que o povo pode ter. São essas pequenas coisas que formam a vida humana. Sou muito ligada a vida da população, ao nosso povo, a nossa raça, ao nosso país. Sou uma pessoa que assimilo muito que ouço, que eu vejo e o que eu lico.

O que a senhora acha desse pessoal que toca músicas praticamente sem sentido?

Em meu ponto de vista acho péssimo! É uma queda de gente como gente. Parece mais uma coisa repetida, automática, selvagem. No meu ponto de vista é um retrocesso. Trata-se de um retrocesso que faz parte de uma curva pela qual a humanidade tem que passar nessa época de muita violência humana, da brutalidade de gente como gente, do homem se tornar tão pequeno, ao ponto de fazer música que não tem letra. Temos que passar por essa fase que irá ser eliminada, está surgindo também uma geração de pessoas que pensam. Vejo jovens promissores frutos de famílias solidamente formadas.

Quando não existiu uma família o alicerce ruíu. As famílias ruíram

Existiu um incentivo ao consumo descontrolado, isso empurra a mulher para disputar cada vez mais posições e rendimentos maiores, isso prejudica na formação familiar, particularmente na infância e juventude dos filhos?

Eu acredito que a reconstrução vai depender de poucos, a maioria está contaminada. Mas os filhos desses poucos mais tarde serão os dirigentes, serão os detentores do poder. Isso é um fenômeno mundial, o homem deixou o humanismo de lado. Como já houve em tempos passados, haverá uma reavaliação, lenta, mas houve. A saída é a reversão. Há muitos adultos que estão no poder que já estão refletindo sobre isso. Não vive o tempo suficiente para poder ver essas mudanças, mas elas deverão ocorrer. As pessoas estão pensando muito no mundo que estão deixando aos seus descendentes: filhos, netos. O governo é nosso empregado, ele ainda não se conscientizou disso, acha que ele é dono da casa, dono do poder. Haverá o momento em que ele vai sentir que não é o que imagina ser, haverá um momento crítico, em que ou ele aceita assumir seu lugar e suas funções ou será substituído.

Há uma queda da família? Há! E essa queda da família está gerando isso.

A senhora acompanha diariamente as últimas notícias através de canais de televisão especializados em notícias?

Acompanho, e a opinião emitida pelos entrevistados não muito esclarecedora o mesmo sendo através de uma televisão privada é a opinião independente dada pelo entrevistado.

A seu ver, o mundo está passando por uma fase turbulenta ou isso é uma particularidade do nosso país?

O mundo todo está turbulento. Particularmente o nosso país